

Religião e Religiosidade na Contemporaneidade: Um Tema de Investigação para a História das Religiões e Religiosidades

Tatiane Simões Maia
Claudia Neves da Silva

Resumo: O acelerado processo de urbanização atingiu profundamente as condições objetivas e subjetivas de indivíduos e grupos, levando-os a se readequarem à nova realidade que se viram submetidos. Se, nas décadas de 1970 e 1980, os movimentos sociais e as organizações populares nasceram e cresceram, nas décadas subsequentes constatou-se que estes não eliminaram as desigualdades sociais. Ao contrário, o que se verificou foi o aumento dos problemas sociais, com o agravante da violência urbana. E foi na religião que homens e mulheres buscaram refúgio, pois ela seria o porto seguro, a possibilidade de novos caminhos e novas esperanças. Assim, surgiu uma diversidade de manifestações religiosas, com destaque para o movimento pentecostal. O artigo tem por objetivo apresentar as motivações objetivas e subjetivas que levam homens e mulheres a procurarem as igrejas pentecostais e suas manifestações religiosas. Delimitamos como universo da pesquisa uma igreja evangélica pentecostal localizada na cidade de Londrina. Para responder às nossas indagações e inquietações, iniciamos com uma revisão bibliográfica. A seguir, observamos os cultos das igrejas pentecostais, para uma maior compreensão das manifestações religiosas e do discurso dos líderes religiosos; e por fim realizamos entrevistas com os membros frequentadores das igrejas pentecostais.

Palavras-chave: Religião; Religiosidade; Modernidade; Pentecostalismo.

1. Religiosidade e movimento pentecostal

2.

As últimas três décadas do século XX foram palco de uma sucessão de fatos que provocaram mudanças significativas e indelévels nos campos social, político, econômico, cultural e religioso no Brasil. Uma sucessão de eventos concomitantes e interdependentes - como a ditadura militar, o “milagre econômico”, o êxodo rural, o inchaço das cidades, a revolução sexual que trouxe novos valores e comportamentos para homens e mulheres - ocasionaram novas mudanças para o indivíduo e a sociedade.

No que se referem ao campo religioso, os eventos se deram pela “dança” dos números de convertidos às igrejas que surgiam e pelas novas manifestações religiosas nas igrejas tradicionais ou de missão, oriundas das igrejas pentecostais.

Se o crescimento do número de evangélicos foi pequeno nas primeiras décadas do século XX, a partir da década de 1970 tornou-se expressivo. As denominações que surgiram nesta década e de 1980 viram repercutir em seu meio os problemas ocasionados nos campos sociais, político, econômico, cultural e religioso e procuraram adequar-se à realidade vivida por seus fiéis fora dos templos, mas que era trazida para o seu interior. A cidade passou a abrigar levas de migrantes oriundos da zona rural, consequência de uma nova política agrícola e a respirar uma lenta liberalização do regime militar imposto ao país que proibia quaisquer manifestações, a não ser a religiosa, e desde que voltada exclusivamente para a oração. Situações que geraram diferentes caminhos (SILVA, 2008).

Alguns passaram a lutar em associações de moradores ou movimentos sociais que buscavam, do Estado, melhorias dos serviços de consumo coletivo, como creches, escolas, transporte coletivo de qualidade, mais hospitais, construção de habitações populares; outros foram para os sindicatos que lentamente renasciam; outros comungaram com os objetivos e ideais das comunidades eclesiais de base (ligadas à Igreja Católica); outros foram em busca de respostas e consolo para seus problemas cotidianos em igrejas que promoviam celebrações religiosas com base na emoção e na oração (SILVA, 2008).

E foi na religião que buscaram refúgio. Mas, qual religião, se esta também passava por mudanças em sua concepção de mundo e em suas práticas? Deveria ser uma religião que resgatasse os valores, os costumes e o modo de ser e sentir que havia ficado para trás, no campo. A religião seria o porto seguro, a possibilidade de novos caminhos e novas esperanças e, o mais importante, a possibilidade de prever o dia seguinte, porque nada aconteceria sem o conhecimento e determinação de Deus.

Nesse sentido, a busca e a participação em igrejas que exaltavam a emoção tornaram-se o caminho seguido por muitos. Fazemos nossas as palavras de Campos (1996 p. 93-94):

O pentecostalismo tem respondido de forma positiva às necessidades sócio-psíquicas das pessoas excluídas da modernidade capitalista. [...] Essa força surge exatamente da identificação do pentecostalismo com aquela cultura popular gerada numa tradição pré-capitalista, portadora de resíduos milenaristas, de um dinamismo capaz de dar aos pobres e excluídos a força de conviver com tantas desigualdades, vazio e miséria.

A religião seria o meio e a igreja o local onde se poderia reviver, em parte, os sentimentos tão presentes nos tempos que a maioria das pessoas morava em pequenas cidades ou vilas e as relações que estabeleciam com os vizinhos eram baseadas na solidariedade, na amizade e na empatia. E as igrejas que ressaltassem e valorizassem a emoção e a subjetividade, como as evangélicas pentecostais, seriam aquelas que poderiam garantir a proximidade e o reviver desses sentimentos (SILVA, 2008).

O número daqueles que têm se convertido à fé protestante, mais especificamente, à fé pentecostal, vem apresentando um rápido crescimento. Esse fato tem provocado uma

reordenação no campo religioso brasileiro, com a Igreja Católica adotando novas práticas religiosas – a renovação carismática é um exemplo - tendo em vista a possibilidade de perder, a longo prazo, a hegemonia do campo religioso brasileiro.

É nesse sentido que partimos do pressuposto de que o movimento religioso não seria apenas uma resposta ao processo de secularização que se disseminou por uma sociedade que se industrializou e se urbanizou, subordinando os valores morais e princípios éticos aos interesses e às leis do mercado (no qual o poder econômico sobrepõe-se às necessidades sociais) e substituindo Deus pela ciência, ou seja, pela racionalidade técnica e científica. As relações sociais passaram a ser mediadas por comportamentos e atitudes baseadas no imediato e na superficialidade das emoções e sentimentos, insensíveis e indiferentes às crianças, idosos, homens e mulheres que vivem em condições inferiores ao seu mínimo necessário para a sobrevivência.

Esse movimento não significaria, tampouco, somente uma volta ao sagrado, situação em que as pessoas procurariam as forças do céu para encontrar alívio e explicação para as questões que as afligissem. Na verdade, o movimento religioso, e nele o movimento pentecostal, apresenta-se sob novas bases, readequando e renovando os valores tradicionais tão caros a homens e mulheres cada vez mais vulneráveis a uma economia de mercado, que provoca o enriquecimento de alguns e a pobreza para o restante.

Buscam-se relações fundadas no afeto, no desejo de ser feliz, na satisfação e no prazer, tendo a liberdade individual e a liberdade de escolha como essenciais para a conquista da felicidade no plano terreno. Destaca-se, igualmente, a importância de viver o presente, o agora, o dia-a-dia, não cabendo a necessidade ou a obrigação de dedicação e filiação a uma luta ou causa, seja ela social, política ou ambiental, porque não estaria diretamente ligada ao cotidiano e os resultados viriam a longo prazo (SILVA, 2008).

Uma espiritualidade reelaborada por meio do sentimento de que a sociedade, e nela, as relações sociais, comerciais e de trabalho, não poderia ser transformada, mas reconstruída a partir de alternativas variadas de viver e pensar as quais possibilitariam ao indivíduo compreender qual o seu lugar na família, no mundo e mesmo no universo.

Segundo esse novo modo de pensar e agir, cada pessoa escolheria a sua própria religião, a sua própria crença, desde que se adequasse aos seus objetivos. Tal situação fez surgir uma profusão de igrejas, cada uma procurando atender à demanda que se apresentava. Esse fenômeno religioso se espalhou e se consolidou ao longo das últimas três décadas do século XX e contradisse – ousaríamos dizer, negou – a idéia de que a secularização atingia todos os homens e mulheres de diferentes grupos e classes sociais (SILVA, 2008).

A acelerada urbanização nas décadas de 1960 e 1970, levou muitos daqueles que eram do campo a uma outra vida em meio estranho à sua cultura, à sua identidade rural, exigindo-lhes a (re)construção de uma nova identidade. Nesta (re)construção, a religião também se apresentava como um fator decisivo, porque eram nas igrejas que seus membros se identificavam com o discurso do líder religioso, que destacava valores como solidariedade e pertencimento, ou seja, o sentimento de responsabilidade e dever para com o outro, sentimento que envolve reciprocidade e responsabilidade de um grupo para com outro grupo, ou de um indivíduo para com outro indivíduo, assim como o sentimento de pertencer a um grupo: comungar com suas idéias e partilhar e compartilhar emoções e frustrações, adquirir e portar *habitus* próximos, não sendo vítima – ou incentivador – de rejeições e preconceitos por pensar, sentir e agir diferente do que está estabelecido (SILVA, 2008).

O *habitus* está na matriz de práticas que são produzidas e reproduzidas cotidianamente por indivíduos e coletividades, assegurando, dessa forma, homogeneidade, harmonia, unidade e regularidade a estas práticas. Como afirma Bourdieu:

[...] o *habitus* é o produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva, que são as estruturas objetivas, consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos duravelmente submetidos aos mesmos condicionamentos, colocados, portanto, nas mesmas condições materiais de existência. (BOURDIEU, 1983, p. 78-79)

Partimos do pressuposto de que a religiosidade, entendida como manifestação pessoal de fé, em uma busca por experiências e valores que transcendam a dimensão material e corporal, dá sentido à existência do indivíduo no mundo e equilíbrio para os diferentes aspectos da vida (social, afetivo, emocional, espiritual), determinando, dessa forma, o comportamento e as ações deste indivíduo e, mesmo, de uma coletividade. Essa religiosidade foi organizada e administrada por igrejas que se tornaram fontes de poder espiritual e político, influenciando decisões que afetam a todos, mesmo aqueles que se declaram sem religião(SILVA, 2008).

Assim, ao decidir por investigar a religião e suas manifestações nos comportamentos individuais e nas relações que o indivíduo estabelece com os demais e com as instituições, devemos ter em mente que esta não se encontra em uma esfera isolada da realidade de um dado contexto histórico.

Tendo essa premissa como pano de fundo,propomos desenvolver uma investigação que possibilite compreender as razões que levam homens e mulheres a participar das manifestações religiosas promovidas pelas igrejas pentecostais. Mais especificamente, apreender as práticas e representações que são geradas e construídas nas estruturas que determinam as condições materiais de existência de um grupo ou classe social.

Assim, acreditamos que, por meio da investigação balizada por conceitos sociológicos e históricos, será possível destacar episódios que definimos como importantes na realidade atual e que também tenham ocorrido em outras épocas e lugares. Suas causas específicas deverão ser investigadas e explicadas para facilitar a compreensão desses episódios no presente, ou seja, quando as igrejas pentecostais passaram a ter significativa influência em diferentes aspectos da vida individual - psicológica, emocional e afetiva – e em diferentes esferas da vida social, política e mesmo econômica.

2. As motivações que levam homens e mulheres a frequentarem as Igrejas Pentecostais

Nesse artigo, objetivamos apontar as possíveis razões que levam homens e mulheres a frequentarem um templo religioso, através da análise das entrevistas e observações realizadas nas igrejas pentecostais. Especificamente este artigo investiga a Igreja Comunidade Evangélica de Libertação – ICEL, localizada na cidade de Londrina, Paraná.

Com as observações e entrevistas realizadas durante a pesquisa, identificamos que uma das causas do crescimento das Igrejas pentecostais e da perda de fiéis das Igrejas tradicionais – Católica, Luterana, Presbiteriana, entre outras - são suas formas de acolhimento e de comunicação, através da utilização de temas atuais e de uma valorização dos depoimentos de convertidos, podendo estes a qualquer momento dar testemunhos de milagres. Campos(2002, p. 92-93)explica em seu texto: “Isto porque, são nesses depoimentos que podemos encontrar as amarras com a vida cotidiana e a maneira como as pessoas concretamente constroem seus respectivos projetos de vida em sociedade.”

A resposta para a maior participação nas igrejas pentecostais, de acordo com as entrevistas, é caracterizada por uma insatisfação pessoal com a igreja anterior. A crescente migração de fiéis da Igreja Católica – por exemplo - para as igrejas Pentecostais decorre da impossibilidade para a realização de atividades não previstas pelo clero e da pouca liberdade para expressar idéias, devido a sua centralização e hierarquia ou por grupos

dominantes dentro das pastorais, que de certa forma bloqueiam os participantes. As diferenças ideológicas entre as duas expressões religiosas são apresentadas por Bastian:

A particularidade e singularidade do pentecostalismo reside no fato de ele ser um movimento religioso que rompe e distancia-se tanto do catolicismo romano como do protestantismo clássico [...] É uma expressão religiosa cuja emoção ocupa um lugar central, e onde as celebrações transformam-se em momentos para expurgar as dores, os sofrimentos e renovar as esperanças [...] (BASTIAN, 2004, p.34)

Neste processo de migração, identificamos nos dados coletados que outros fatores contribuíram para esta mudança, tanto motivações materiais quanto as de caráter emocional, como o acolhimento, a busca de amizades e diálogo, relações sociais mais fortes, construção de laços, atrativos e entretenimentos.

A partir da análise desses dados, verificamos que a busca de conforto espiritual e material acabou por refletir em suas vidas, ocasionando alterações no comportamento e no relacionamento com a família e amigos. Este processo de conversão, segundo Campos(2002), é constante em momentos de crise, ocasionando mudanças na trajetória de vida dos indivíduos, e proporcionando a construção de novos laços sociais.

Outra motivação para a conversão, abordado por Silva (2008), no pentecostalismo, é o rompimento com as coisas do mundo, provocando uma nova visão de si e do mundo: “Deus penetra o recém-convertido levando-o a uma experiência pessoal e exclusiva, assim como a uma vivência íntima com Aquele que lhe dará um novo sentido à vida, porque provocará mudanças em sua relação com que os estão à sua volta e até mesmo em sua identidade.”

Segundo Campos(2002), a conversão no pentecostalismo brasileiro institui uma rígida disciplina do corpo e um controle dos hábitos e costumes, por exemplo, deixar de fumar, ingerir bebida alcoólica ou dançar. Notamos esta afirmação nas entrevistas realizadas, na qual ocorre o relato do abandono de suas “vidas” anteriores, passando por cima de tradições familiares e entretenimentos para se adequarem às normas de uma nova igreja, percebemos assim o controle que a igreja exerce sobre a vida das pessoas.

Conforme observamos, o pentecostalismo tem como característica a transformação ou mudança individual, presente até nas letras das músicas da igreja. Em casos de desvios de atitudes contrárias à doutrina da igreja, ocorre uma repreensão, excluindo seus membros de atividades ou da própria igreja, como nos casos de adultério, alcoolismo e violência. Campos (2008, p.109) diz que a igreja exerce o controle: “Oferecendo maior liberdade de comportamento, mas ao mesmo tempo, recriando limites, fronteiras e novas formas de repressão e de disciplina, as situações de anomia ou de risco da anarquia social.”

A busca de atenção às suas necessidades materiais e espirituais reflete atualmente na fragilidade das relações afetivas, ocasionada pelo acelerado processo de modernização, que privilegia o individualismo e a competição desenfreada. Neste sentido, são possíveis vítimas desse processo de modernização. O modernismo sempre exerceu o controle dos indivíduos através das instituições, trazendo a idéia que apenas desta forma o individuo pode se desenvolver. No entanto, esta promessa de segurança se transforma em desconfiança, ocasionando, de acordo com Silva (2008), a chamada crise de identidade:

[...] esse convencimento deve-se muito mais ao desencanto humano; é o cansaço diante da tragédia em que se transformou a modernidade e o profundo desejo permanente de realizá-la enquanto promessa que foi. (SILVA, 2008, p. 14)

A “teoria da secularização”, defendida por Berger (1999), pregava o declínio da religião no século XX. Porém, o que verificamos foi o surgimento de inúmeras instituições religiosas, adequadas ao processo de modernização. Dessa forma, a igreja seria o local que os indivíduos procurariam para responder às suas inquietações, seja orando ou recebendo alguma doação da Igreja, já que o Estado não proporciona uma boa qualidade de vida e acesso aos direitos garantidos por lei.

Assim como observamos na ICEL, as denominações pentecostais são geralmente constituídas por uma população excluída do consumo de bens materiais e dos serviços sociais. Sendo assim, as ações assistências crescentes nas igrejas pentecostais também é uma forma de aproximar a igreja da comunidade e de aumentar o número de seus membros, já que as políticas públicas são insuficientes para o acesso igualitário aos serviços públicos (SILVA, 2008).

É por meio da Igreja, e da fé, que muitos encontram o conforto, tanto material como espiritual: “[...] Começam a surgir comunidades carismáticas autônomas em relação às grandes igrejas protestantes e pentecostais, melhor sintonizadas com as condições de pobreza e miséria das massas urbanas.[...]” (CAMPOS, 2008, p.101)

A modernidade tem gerado insegurança na vida dos indivíduos, insegurança essa que provoca instabilidade interna e externa, ou seja, frustrações desencadeadas pelo desemprego, problemas de saúde e o rompimento de relações sociais. Identificamos esta situação no relato dos entrevistados, que disseram ter encontrado na ICEL novos amigos, melhora na saúde e no relacionamento familiar:

Mudou muita coisa, antes eu era uma pessoa muito triste, vazia, sem amigos, e na ICEL eu tenho um monte de amigos, e na saúde ajudou também, na vida espiritual, no relacionamento com a família, encontrei meu marido! (Entrevista 3).

Segundo Campos (2008), o sujeito recorre à igreja para encontrar a “fórmula milagrosa” para a sua vida e afirma que neste mundo de insegurança ele espera que a sua segurança e proteção venha de Deus.

As igrejas pentecostais, assim como outras denominações, enfatizam a participação nas “correntes de fé”, como também, em orações, obras sociais e contribuições monetárias (dízimo), para que problemas pessoais e específicos sejam superados pela fé, como por exemplo, problemas financeiros. Os membros entrevistados da ICEL relataram que através da oração e campanhas conseguiram superar barreiras financeiras, emocionais e de saúde:

Toda vez que minha mãe, minha família esta precisando de dinheiro, ou desempregada, faço “Campanha da Fé” e sempre resolve. (Entrevista 2)

Podemos afirmar, a partir da pesquisa que estamos realizando, que a igreja tem exercido um papel de manipulador das massas, seguindo a mesma lógica do capitalismo, à custa das aflições do cotidiano do ser humano, advindas do processo de urbanização, como Hervieu (2009, p. 17): “[...] A religião como alienação que obscurece a percepção do mundo social, a religião como legitimação da dominação, a religião atravessada pelos conflitos de classe. [...]”.

Os entrevistados disseram que gostam de ajudar e participar das atividades na Igreja, por exemplo, dos Ministérios: “Por enquanto eu ajudo na cozinha para a cantina e em eventos, e sou obreira, mas estou orando, pois tenho vontade de ir para o louvor [...]”; “Antes de frequentar a igreja eu vivia em cima da cama, eu era “esmilinguida”, triste, vivia com muita dor, isto porque não tinha atividade nenhuma [...]” (Entrevista 3).

Notamos neste momento, outra forma de controle realizado pela igreja, pois os membros acreditam que participando destas atividades estarão colocando em prática os dons do Espírito Santo para alcançarem suas graças. O não alcance desta graça é colocado pela igreja, como falta de fé, ou seja, a igreja, assim como outras instituições sociais, culpabilizam o indivíduo pelo seu fracasso.

Ao abordar sobre o que não gostam na ICEL, as entrevistadas relataram sobre algumas atitudes de pessoas, que agem segundo elas como um “clube social”, formando-se “panelinhas” e prejudicando o acolhimento na igreja: “Tem muitas pessoas que eu não gosto, tem muita gente que vai para adorar a Deus mesmo, mas tem gente que vai como se fosse um Clube Social, só vai para ver os amigos, só para falar que vai a igreja, é como se fosse uma

coisa a mais na vida deles, não mudasse nada.” (Entrevista 1); “O que eu não gosto é de “panelinha”, tem pessoas que desfazem da outra, às vezes chegam pessoas novas na igreja e elas não acolhem, então vão embora porque não se sentem acolhidas.” (Entrevista 3).

Neste sentido, podemos identificar que a igreja pode possibilitar um “status”, seja pelo fato de estar freqüentando ou por ser um membro que está desempenhando atividades. Este envolvimento implica em um reconhecimento do membro na igreja. O tratamento daqueles que participam ativamente de serviços na igreja é diferentes dos que não desempenham atividades e só freqüentam os cultos. Reconhecemos esta diferenciação na fala de uma das entrevistadas:

[...] Tem coisas que eu tenho vontade de fazer lá e que só é batizado que pode, daí esse é o problema, minha mãe não me deixa batizar [...] (Entrevista 2)

O indivíduo acaba mudando de igreja quando não se identifica com o discurso e a prática da igreja, na busca da solução e respostas aos seus problemas. Percebemos que o público alvo da igreja ICEL são os jovens e adolescentes, muito presentes nas celebrações, assim como identificamos a existência de diversas “tribos” de adolescentes, por exemplo, os “emos” e “manos”, todos com liberdade ao se vestir, mostrando sua identificação com os grupos.

Muitos jovens vão ou mudam de igreja na busca do diálogo e de amizades, pois na modernidade as relações se tornam cada vez mais individualistas e transitórias, as relações afetivas são relações efêmeras, ocasionando vários conflitos internos.

A Teologia Pentecostal prega a rejeição às coisas do mundo e diz que as forças do mal geram as injustiças, sendo necessário disciplinar comportamentos e atitudes à vida social. Identificamos, durante observação na ICEL, que no momento da pregação e do ensinamento do evangelho, foi apresentada a idéia de se manter limpo das coisas mundanas, como por exemplo, do vício das drogas e da prostituição. Foi também discutida a importância da verdadeira amizade, na qual, há uma base de fortalecimento para se desviar do caminho maligno e da possibilidade do namoro santo entre irmãos da igreja.

As mudanças e excessos advindos da modernidade trazem uma certa insegurança ao indivíduo, portanto, as normas e regras aceitas fortemente nas igrejas representa uma certa estabilidade. A igreja se apresenta como algo sólido e previsível, mas ao mesmo tempo acaba se tornando “líquida” e flexível, no momento em que se adéqua aos interesses pessoais do fiel, para não correr o risco de perder um membro que busca a solução aos seus problemas. Esta idéia é apontada por Bauman:

[...] Os tempos modernos encontram os sólidos pré modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir, ou inventar sólidas de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável. (BAUMAN, 1999, p. 10).

Observamos também na ICEL, que os jovens e adolescentes são próximos dos pastores, considerando-os como amigos, porque estão sempre presentes para ajudar. Neste sentido, verificamos que a questão financeira é a que menos se destaca nas entrevistas, mas sim as questões emocionais, psicológicas e principalmente afetivas.

Atualmente as questões estão se voltando à subjetividade, e a igreja se torna um local possível para se trabalhar o subjetivo, por exemplo, através de uma relação mais próxima dos pastores.

Ao mesmo tempo em que a igreja tem esta função de proteção das ameaças da modernidade, ela tem a função do exercício do controle social, e é na igreja que se traz a idéia das normas como única possibilidade de se viver harmoniosamente, os fiéis então transferem o seu poder de decisão e de liberdade à igreja.

De acordo com Durkheim (1987), a igreja torna-se um espaço de legitimação da dominação e do poder coercitivo, os “males” sociais são justificados como culpabilização dos indivíduos, e não como responsabilidade Estatal.

Ao mesmo tempo, segundo Marx e Engels citado na obra de Hervieu e Willaime (2009), a igreja se tornou um local de esperança e alívio das dores e do sofrimento do povo. Os autores explicam que por meio da religião os indivíduos expressam suas manifestações em relação ao modo de produção capitalista, como o desemprego, a falta de saúde e o individualismo. Neste sentido, a igreja é intermediária entre as relações de dominação e o suporte diante desta realidade tão cruel:

O desespero religioso é, de um lado, da *expressão* do desespero real e, do outro, o *protesto* contra o desespero real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, assim como ela é o espírito de condições sociais de onde o espírito foi excluído. Ela é o *ópio* do povo.

A abolição da religião enquanto felicidade *ilusória* do povo é a exigência que formula sua felicidade *real*. Exigir que ele renuncie as ilusões sobre sua situação é *exigir que ele renuncie a uma situação que tem necessidade de ilusões*. (MARX *apud* HERVIEU; WILLAIME, 2009, p.20)

3. Considerações finais

Identificamos durante o processo da pesquisa que uma das causas do crescimento das Igrejas pentecostais e da perda de fiéis das Igrejas tradicionais são suas formas de acolhimento e de comunicação. Outros fatores contribuíram para esta migração, tanto motivações materiais quanto as de caráter emocional, como a busca de amizades e diálogo, relações sociais mais fortes, construção de laços afetivos, atrativos e entretenimentos. Percebemos um crescimento de adolescentes e jovens nas celebrações das igrejas pentecostais.

Percebemos que o indivíduo acaba mudando de igreja quando não se identifica com o discurso e a prática da igreja anterior, na busca de solução ou respostas para seus problemas pessoais. E a questão financeira é a que menos se destaca, mas sim as questões emocionais, psicológicas e principalmente afetivas, isto porque, na modernidade as relações afetivas se tornam cada vez mais individualistas e transitórias, devido às mudanças e excessos ocasionados pelo modo de produção capitalista.

Porém alguns questionamentos permaneceram: diante do número crescente de adolescentes e jovens que frequentam as igrejas pentecostais, o que leva os mesmos a participarem de uma instituição que controla comportamentos, em um momento em que a liberdade é fortemente expressada na modernidade? O que leva a estes adolescentes e jovens despenderem grande parte de seu tempo participando de ministérios, serviços e atividades da igreja, não se limitando apenas a assistir as celebrações religiosas? Questionamentos que temos por objetivo investigar na segunda etapa da pesquisa.

Referências Bibliográficas

BASTIAN, JP. *Os pentecostalismos: afirmação de uma singularidade religiosa latino-americana*. Estudos da Religião. São Bernardo do Campo, nº 27, 2004. p. 26-35.

BAUMAN, Zyemont. *Modernidade Líquida*. 1999.

BERGER, Peter. *A Dessecularização do Mundo: Uma visão global*. 1999.

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo. *Estudos de Religião*. edição nº 22. p. 85-109. jan/jun 2002.
- CAMPOS, L. S. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In: GUTIERREZ, B. F.; CAMPOS, S. L. *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996. p. 77-120.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 13ª edição. ed. Nacional. 1987.
- HERVIEU, Légeu; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e Religião: Aparecida do Norte*. ed. Idéias e Letras, 2009.
- SILVA, Claudia Neves da. *Teologia Pentecostal. As ações assistenciais promovidas pelas Igrejas Pentecostais no Município de Londrina (1970-1990)*. 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo.
- SILVA, Valéria. *Modernidade e Identidade: aspectos de uma crise*. Serviço Social e Contemporaneidade. edição nº 06. ed. EDUFPI. 2008.